



*Inc
Salvador Corrêa de Sá e Benevides*

SALVADOR CORRÊA DE SÁ E BENAVIDES.

ÀS DILIGENCIAS de uma instituição, que com poucos annos de existencia, conta já em seu seio varões de todos os paizes abalisados em historia e geographia, — ao Instituto Historico e Geographico

Brasileiro, fundado na capital do Brasil, sustentado pelas notabilidades litterarias deste imperio, com reconhecida vantagem do paiz e das lettras em geral, somos devedores do presente retrato de um va-

rão distincto na historia de cinco reis de Portugal, por serviços relevantes praticados neste reino, no Brasil e em Angola. Este retrato estava como sepultado na secretaria do governo d'Angola, e segundo informa o Sr. João Thomaz de Carvalho e Silva, que o copiou, tudo induz a sustentar que é o mesmo original que foi tirado pelo natural. O Instituto do Rio de Janeiro, cujas memorias haviam já nos dois primeiros tomos apregoado o justo merecimento dos Caldas, dos Vellosos, dos Basílios, dos Azevedos Coutinhos [João Pereira Ramos e seu irmão o Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos], dos Lisboas, dos Pizarros, e d'outros varões distinctos por lettras e virtudes, nascidos no solo americano, encetou o terceiro tomo com um nobre e preclaro em armas, appresentando o retrato cuja copia damos [gravada em madeira pelos Sr.^s Fonceca e Coelho, e tão acabado quanto este processo permite], acompanhado de uma biographia, que para o mesmo Instituto coordenamos, de varios livros e escriptos dispersos. — É dessa biographia extensa e documentada que vamos aproveitar só os factos, despidos de considerações improprias deste jornal.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides viu a luz em 1594 e recebeu o baptismo na freguezia de S. Sebastião, hoje sé velha, do Rio de Janeiro. — É um facto que está sufficientemente provado para se poder taxar de falsa a opinião sem fundamento, a que deu origem um escriptor castelhano, de haver o mesmo Salvador nascido em Cadiz; — por ventura sem outro argumento mais do que o ser de Cadiz sua mãe D. Maria de Mendonça e Benavides, filha do governador desta praça, D. Manuel Benavides. Martim de Sá, seu pai, filho do primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro, muito se avantajára em dignidades e honrosos encargos, e sua mãe tanto não carecia de nobreza, que Salvador Corrêa, primogenito de ambos, herdou tambem para sempre o nome e as armas da familia materna.

Os primeiros annos da biographia de Salvador Corrêa acham-se, como os de quasi todos os guerreiros, envoltos em mysterios e incertezas: só apparece o heroe desde que elle começa a grangear este titulo, que é tambem só desde quando a biographia começa de ser util e interessante. É natural que passasse a infancia em companhia de seu pai, o qual em 1608 concluiu os seis annos de seu primeiro governo do Rio de Janeiro. Entrou no serviço em 1612, e distinguio-se pela primeira vez conduzindo de Pernambuco a Lisboa um comboi de trinta navios a salvo das piratarías hollandezas. — Voltado ao Rio de Janeiro, promoveu o alistarem-se na capitania de S. Vicente trescentos homens, com os quaes partiu em duas caravellas e tres canoas de guerra em reforço da expedição que sahira de Lisboa em 24 de Novembro de 1624 com destino de expulsar os hollandezes da Bahia. — Indo para esta cidade aportou na capitania do Espírito Santo, e em terra alcançou de embuscada uma victoria contra alguns hollandezes, que abi ousaram desembarcar. Chegado á Bahia, meado d'Abril de 1625, não concorreu pouco para o bom exito da recuperação desta cidade, realisada no 1.^o de Maio seguinte, antes de nella completar um anno o dominio hollandez.

Em 1634 foi Salvador Corrêa nomeado almirante do mar do Sul, com ordem de ir combater os rebeldes que se appresentavam ameaçando a provincia do Paraguay. Esta nomeação lhe proporcionou favoravel ensejo de reforçar com mais provas o seu valor e talento militar. Dentro em pouco desbaratou os calequís, fazendo prisioneiro o seu caudilho D.

Pedro Chamay, que por mais de trinta annos resistira com mão armada. A provincia de Tucuman ficou perfectamente pacifica com o ganho da batalha de Palingarta em 1635. A gloria destas victorias foi alcançada por Salvador Corrêa á custa de doze feridas de frecha. — Estes serviços não ficaram no olvido; é o soberano quem os confirma na honrosa carta patente datada de 21 de Fevereiro de 1637, em que o nomeia capitão-mór e governador do Rio de Janeiro. — Por estes tempos se effectuou o seu casamento com D. Catharina Velasco, filha de D. Pedro Ramires de Velasco, governador do Chile.

No meado de 1640 começaram em S. Paulo os motins e tumultos contra os jesuitas, por estes quererem pôr em execução as leis que iam acabar com o captiveiro e trafico dos indigenas, auctorizados por uma bulla do papa Urbano 8.^o que lhes outorgava para tal fim poderes temporaes. Salvador Corrêa escreveu para S. Paulo estranhando o procedimento dos habitantes e convidando-os á conciliação. — Porem todas as instancias, todas as ameaças, e até todas as promessas, gabos e louvaminhas foram baldadas. Os altivos paulistas mostraram-se surdos ás suas reclamações; e um novo acontecimento, grande em si e em seus resultados, lhes alimentou mais esperanças em suas pertençaes.

No dia primeiro de Dezembro de 1640 rebentára na metropole lusitana a revolução que motivou não exceder a sessenta annos o periodo de sujeição a Castella dos territorios em que a lingua portugueza fôra cultivada, polida e propagada á custa de trabalhos, despezas e sangue. D. João 4.^o foi tambem aclamado rei em todas as capitánias do Brasil da Bahia para o sul, medeando só o tempo necessario para percutirem tão longe os brados metropolitanos: no Rio de Janeiro soaram tres mezes depois. Salvador Corrêa, aproveitando-se do alvoroço e expectação occasionados por esta mudança, convidou de novo os habitantes da dita provincia de S. Paulo a que enviassem ao Rio de Janeiro procuradores do povo auctorizados para tratarem de uma composição com os jesuitas. — Porem ainda desta vez foi frustrada a sua destreza. — Os paulistas, desvanecidos com o sabido heroismo que desenvolveram nesta revolução, protestaram de novo contra tudo que fosse libertar os indios. — Salvador Corrêa reconheceu então a sua presença essencial para ultimar a questão; e formava planos de ir á provincia de S. Paulo, quando recebeu da corte novas instrucções e despachos que a isso o resolveram definitivamente. Entregando pois o governo ao seu immediato, partiu para o porto de Santos, aonde, depois de alguma demora proveniente da recalcitração dos revoltosos, proclamou a conciliação, conseguiu que os habitantes elegessem 48 procuradores para tratarem do negocio, e retirou-se deixando tudo em paz.

Por alvará e regimento de 26 de Março de 1644 foi nomeado general da frota nessa epocha organisa-da a fim de escoltar e proteger os navios de commercio do Brasil. — Em 8 de Junho lhe foram conferidos amplos poderes para explorar as minas, em conformidade do regimento de 7 do mesmo mez. — Lemos que nesta occasião se lhe fizeram promessas mui lucrativas e honrosas, no caso de levar a cabo taes explorações com vantagem decisiva. — Recebeu tambem então o despacho para occupar um logar de deputado do conselho ultramarino. E como de todos os encargos julgasse mais transcendente o de general da frota, delegou os poderes dos outros, e no desempenho deste fez tres viagens a Portugal; na primeira das quaes com trinta e sete velas, prestou

tal socorro a Tamandaré, que muito contribuiu ao bom exito da empresa do Castrioto lusitano (1).

Os seus admiradores, ou, segundo outros, os seus emulos o lembraram então para commandante de uma empresa tentada em socorro do reino de Angola, a fim de ahí estabelecer um presidio que protegesse o commercio portuguez, que estava em ancias desde a morte do governador Souto Maior. Salvador Corrêa foi nomeado, e ao mesmo tempo recebeu ordem de tomar precedentemente posse do governo das tres capitánias da repartição do sul do Brasil, a fim de, em quanto ahí esperava as forças que lhe haviam de ser enviadas, cuidar da sua defesa, e promover a agencia dos bastimentos para a armada da Bahia, e para a projectada jornada de Angola: e a fim de que mais facilmente podesse tudo alcançar, lhe foram remetidos poderes para conceder perdão a muitos comprometidos. Entrando a barra do Rio de Janeiro encontrou já ahí cinco galeões de todo prestes, com que não contava tão breve. Quatro mezes de demora foram bastantes para que, apregoando com zelosa diligencia o damno que resultaria ao Brasil se ficasse Angola em mãos inimigas, a par das vantagens que viriam a este estado da occupação daquelle reino, conseguisse ajuntar um donativo de oitenta mil crusados; — quantia por certo exorbitantemente avultada, e porventura até ruínosa para a praça do Rio de Janeiro, como depois se viu. — Todavia tal somma concorreu a se poderem apromptar mais dez vasos com todo o municiamiento e guarnição, além de novecentos homens de tropa de desembarque. Destes vasos foram quatro equipados ás expensas do governador.

Deixou o Rio de Janeiro aos 12 de Maio de 1643, e em conformidade com o seu regimento dirigiu-se ao porto de Quicombe. Aqui saltou em terra, e depois de examinar o lugar em que lhe fôra ordenado que fizesse uma feitoria, convocou todos os officiaes em conselho, e lhes expoz como recebêra sim instrucções de não quebrar a paz com os hollandezes; porem que vendo não existir já esta de facto [pois que os portuguezes residentes naquelle territorio viviam debaixo de oppressão e vexames] julgava encontrar no mesmo regimento sufficiente pretexto para o rompimento de guerra. Tal parecer foi approvedo por todos, e decidiu-se que se começassem as hostilidades pelo ataque da capital. — Embarcou-se de novo toda a gente, e a frota foi demandar a barra de Angola. O general enviou á chegada um parlamentar intimando aos hollandezes que se entregassem. Estes pediram oito dias para dar a resposta, talvez com intenções de aproveitarem esse tempo em preparativos. Salvador Corrêa o previu, concedendo só quarenta e oito horas; passadas as quaes, como o inimigo se resolvesse a resistir, fez a um tempo saltar em terra toda a infantaria. Efectuou-se o desembarque sem resistencia, e as tropas marcharam para a cidade com o general á frente. Essa primeira noite foi aproveitada para levantar duas baterias contra o inimigo. Começou-se por bater em brecha a fortaleza de S. Miguel, em que os hollandezes eram recolhidos, e quando o general julgou opportuno mandou dar o assalto. Os attaccantes houveram-se com inexplicavel audacia e valentia; ficaram destes sessenta e tres mortos, afóra muitos feridos. Porem tambem a resistencia foi vigorosa, e os aggressores retiraram. Todavia os sitiados havendo presenciado o valor do general imaginaram que o fim unico de tal retirada era dar folego á tropa para empregar novo assalto. Por isso vendo a for-

taleza já arruinada, e receando-se de não poderem resistir a segunda investida, propozeram condições de capitulação. Por todas esteve Salvador Corrêa, que bem conhecêra a desproporção de forças; e abertas as portas da praça sahiram della mil e cem soldados, entre hollandezes, allemães e francezes, com quasi outros tantos negros, todos avexados de ver o pequeno numero a que se tinham rendido. — Fez-se esta capitulação, tão memoravel nos annaes angolenses como honrosa a Salvador Corrêa, aos 15 de Agosto de 1648.

Dahi a sessenta dias era toda a costa d'Angola evacuada de hollandezes. O governador passou a accommetter o rei do Congo (2) e a fazer correria ás terras de mais quatorze sovas, os quaes tinham sido inimigos dos portuguezes. — A rainha Ginga (3) só a poder de reiteradas e humildes supplicas conseguiu o perdão. Tendo Salvador Corrêa governado Angola por tres annos voltou ao Rio de Janeiro; e em remuneração dos seus serviços lhe deu elrei dois africanos por tenentes das suas armas.

Tornando a Lisboa pouco tempo esteve em socorro. A carta patente de 17 de Setembro de 1658 lhe confiou de novo o governo da repartição do sul do Brasil, de todo independente do da Bahia, o que foi ordenado por clausula expressa pela rainha D. Luiza, regente durante a menoridade de seu filho D. Affonso 6.º Na mesma carta declarou a rainha fazer tal graça pela particular satisfação e zelo com que o agraciado servira tantos annos, em cargos e postos de muita confiança, assim na paz como na guerra, &c. — Partiu Salvador Corrêa para o novo principado do Brasil em 1659, e passando pela Bahia, ahí levantou em Francisco Barreto a homenagem, que d'antiga usança se prestava ao vice-rei do Estado. E sem mais delongas proseguiu para o Rio de Janeiro aonde chegou em fins de Setembro.

Nesta ultima cidade encontrou tudo na maior consternação; o commercio estava agonizante, o numerario escaceava, e os cofres publicos eram totalmente exhaustos. Os habitantes, reconhecendo a sua situação desesperada, haviam á propria custa enviado um cidadão á corte, como procurador para reclamar providencias que lembravam, porem em vão. — O desespero começou então a crescer de dia em dia, e a explosão estava como reservada para o governo de Salvador Corrêa. — Este general vendo á sua chegada as tropas além de poucas, mal pagas, e algumas obras de utilidade publica por fazer, indicou á camara da cidade o expediente das finzas e tributos. A camara, depois de ouvir sobre o negocio o parecer das diferentes corporações religiosas, propoz como mais acertadas as contribuições indirectas, no que assentiu o governador com applauso geral do povo, que julgava ver remediados os males que soffria. — Porem esta medida não trouxe resultados favoraveis: então convocou o governador de novo os membros da camara e varios outros da nobreza, e por escrutinio secreto foram resolvidas outras providencias, com que o povo se descontentou e exacerbou. Entretanto a presença de Salvador Corrêa, o seu reconhecido zelo pelo bem publico, as suas qualidades sociaes, e porventura as suas cañs, o mantiveram obedecido e respeitado. Mas devendo, em cumprimento das ordens regias, ir até S. Paulo, partiu para esta provincia, deixando interinamente o governo a Thomé Corrêa de Alvarenga. Ainda não haviam passado tres semanas depois do apartamento quando os povos se levantaram proclamando a deposição de Salvador Corrêa, prende-

(1) A respeito deste heroe veja-se o artigo que escrevemos publicado a pag. 241 e 344 do vol. 3.º

(2) Veja-se sobre o rei do Congo a pag. 109 do vol. 4.º

(3) Veja-se sobre a rainha Ginga a p. 278 e 298 do v. 4.º

ram a Alvarenga, e para os governar fizeram eleição do commendador Agostinho Barbalho Bezerra, a quem por ameaças violentaram a acceitar a auctoridade. Convidaram a camara de S. Paulo a seguir este exemplo revolucionario; porem esta recusou, dando mui decorosa resposta, e escrevendo ao governador uma carta assignada tambem pela nobreza dos moradores della, em que, confessando expressamente as obras de publica utilidade de que se reconheciam devedores, se offereciam a ajuda-lo contra os sublevados do Rio de Janeiro, com pessoas, vidas e fazendas para o acompanhar « assim [disseram] em rasão do serviço de S. M. como da obrigação em que os tinha posto com a sua affabilidade e bom governo da justiça. »

Os amotinadores no Rio de Janeiro intimaram a uns que sahisses da cidade, prenderam outros, pediram prevenções de hostilidade contra a aproximação de Salvador Corrêa, que julgavam viria de S. Paulo com gente armada, e a este sequestraram os bens não sem grande perda do proprietario. Enganaram-se porem em attribuirem projectos hostis ao governador, que nesta occasião deu novas provas de prudencia e circumspecção. De S. Paulo mandou lançar um bando de conciliação ameaçando os que a elle não annuissem, e ordenando que continuasse Agostinho Barbalho no governo, com a condição de o exercer por delegação sua. — Tal clausula não foi acceita, porque offendia de frente a revolução victoriada.

Tinha pouco depois a camara publicado um bando em que declarava tomar a si o governo, quando chegou da Bahia o desembargador syndicante Antonio Nabo Pessanha, cuja só presença bastou para impor a ordem e socego, que se achava já restabelecido quando o governador chegou de S. Paulo tomou de novo posse do governo e o teve até o mez de Abril do anno seguinte de 1662, em que, tendo-o entregue ao seu successor, se retirou para Lisboa.

Quem diria porem depois de todo o succedido, que para quando este general contava ir gosar do descanso é que lhe estavam reservados os maiores amargores e desgostos. A prudencia consummada, o valor intrepido, os serviços distinctos e relevantes deviam ter o pago que de ordinario dá aos homens grandes... Com effeito, chegou Salvador Corrêa a Lisboa, quando já sustinha as redeas do governo o malaventurado Affonso 6.^o, soffreu opposição dos fidalgos, que succumbiram aos enredos dos emulos e adversarios do dito Salvador Corrêa. Em 1666 foi dado por influencia do conde de Castello-melhor o titulo de visconde da Ponte da Asseca ao seu primogenito pelos serviços proprios e de seu pai, sem se gratificarem primeiro estes na pessoa do auctor, a quem foi lançada em rosto a revolta do Rio de Janeiro!

Consta que antes da sua deposição o monarcha infeliz mandou chamar a Salvador Corrêa para o ouvir e consultar ácerca do que deveria fazer. Os seus conselhos apezar da idade já avançada longe de indicarem frouxidão só recommendavam medidas energicas, que se offerecia a executar. Esta offerta e a privança que tivera seu filho na cõrte do rei deposto promoveram-lhe insultos sendo por fim preso e processado. Uma sentença chegou a premiar os seus antigos serviços com dez annos de degredo para as plagas ou sertões africanos que outr'ora libertára do jugo estrangeiro!!—Só á custa de enormes despezas conseguiu por fim ficar recolhido em um convento, meio decidido já a acabar ahí seus dias, como tambem praticára em tempos antigos o

grande condestavel (4).—Porem a rogos de seu filho visconde gravemente enfermo d'uma ferida que recibêra em Badajoz, se resolveu a requerer moradia com homenagem no seu palacio [de Santos o velho], a qual lhe foi concedida.—Porem succedendo pouco depois a morte do mesmo visconde, sensibilisou-se o principe regente [depois D. Pedro II] com o estado de orfandade a que ficaram reduzidos os seus netos, e por tal fórma que não só concedou de todo a liberdade a Salvador Corrêa a fim de tratar de seus herdeiros, tão cedo orfãos de pai, como até o despachou para ter novamente assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

A alma grande e genio elevado de Salvador Corrêa não se apoucára com a passada ingratição a seus serviços. Attribuiu tudo ás circumstancias melindrosas do paiz, dividido em partidos; e logo que serenou a tormenta e entrou na graça do principe regente se offereceu para prestar serviços militares em territorio ultramarino, analogo áquelle em que ganhára a sua maior reputação. Constando que na costa oriental d'Africa se levantára contra os portuguezes o regulo de Pata, offereceu-se para o ir sujeitar, e emprehendeu seguidamente o levar a effeito a — inda hoje decantada — communicação por terra dessa banda oriental com a contra-costa d'aquem no reino d'Angola. Diz-se que advertido pelos amigos de fazer taes offertas em tão avançada idade respondia: « Que desejaria muito ter a consolação de ouvir tiros á hora da morte. »

Finalmente depois de viver uma vida activa, vigorosa e longa, sem as fraquezas da caducidade, finou-se em Lisboa no dia 1 de Janeiro de 1688 (5) aos 94 annos de idade — e foi sepultado na sacristia do convento [hoje extincto] de N. Senhora dos Remedios dos carmelitas descalços — a Santos o Velho.

Consta que escrevêra memorias da sua vida, porem não ha quem assevere ter visto tal MS., que não existe entre os papeis de seus herdeiros.

Foi 1.^o alcaide-mór do Rio de Janeiro, fidalgo da casa Real, commendador de S. Salvador da Alagoa e de S. João de Cassia na ordem de Christo — alem de todos os outros encargos de que nesta noticia fizemos memoria.

O *fac-simile* da assignatura que ajuntámoa foi por nós escrupulosamente copiado em papel vegetal de uma das suas cartas autografas — e pelo csmero que pozemos até nesta particularidade damos testemunho das diligencias que fizemos em offerter tão completa quanto possivel nos foi a biografia deste varão illustre.

F. A. de V.

USO AGRARIO DAS ÇARÇAS E ABROLHOS.

Em todos os paizes, ainda mesmo naquelles onde se tentam com mais affinco novos methodos e aperfeiçoamentos agricolas, muito ha que lidar primeiro que se eleve a agricultura ao subido grau de perfeição, de que é susceptivel, e primeiro que de todos os productos da terra, quer espontaneos, quer cultivados, se colham as vantagens, que podem ministrar. Vemos que em França os proprietarios inteligentes encham os periodicos especiaes sobre o assumpto com suas memorias e instrucções relativas ás experiencias que fizeram, aos melhoramentos que alcançaram, e por essa occasião acompanham as suas

(4) Sobre o condestavel D. Nun'Alvares Pereira vid. a pag. 4 do vol. 1.^o

(5) Vej. Sousa na Hist. Geneal. tom. 10 pag. 629.

advertencias de queixas contra a incuria e desleixo da gente do campo; queixas frequentes entre nós. Por isso quando aproveitar-mos alguns artigos de semelhante natureza não dispensaremos os preambulos por onde começam: o que fazemos com o presente, communicado por T. Nodot, de Semur, ao *Jornal dos conhecimentos usuaes e praticos*.

«Ha grande numero de sitios em que se não acham outras plantas senão abrolhos, çarças ou silvas, e cardos; destas vemos entulhadas as nossas matas; e se algumas vezes as arrancam para aquecer fornos no campo, pensam que é o unico proveito que se póde tirar dessas brenhas incommodas, ordinario escondrijo dos reptis, e verdadeira habitação das larvas e borboletas. Particularmente estão cheios dellas os pastos communs dos municipios [os baldios]. Tal desleixo mostra que a nossa educação agrícola carece de um impulso unitario, que indique o que cada um póde e deve fazer: então começaremos a realisar o melhoramento geral das terras. Tão somente neste intuito, cuidei em utilizar os mencionados abrolhos, cuja conservação aliás desejo á beira dos rios e regatos, dos leitos das torrentes sobretudo, quando são visinhos d'outeiros, que por seu declivio ajudam as enxurradas a carream as terras, descarnando o terreno lavradio.

Paizes ha em que os cardos são aproveitados, pois os queimam e espalham as cinzas pelas terras; mas quasi sempre esta aspersion é arbitraria, isto é, fazem-na indistinctamente em todos os terrenos, sem que se sirvam desta combustão para alterar a natureza de outros corpos, e torna-los assim tão proprios para a fertilisação das terras argilosas quanto o são as cinzas, que são destinadas para modificar esses barros fortes, custosos de cortar com o ferro do arado, que se entorream com a chuva, e que o ar atmosferico difficilmente penetra.

Portanto, quando o tempo o permittir, apanhe-se certa quantidade de silvas e abrolhos, e ponham-se ao abrigo para que sequem bem: quando tudo estiver secco transportem-se a esses terrenos argilosos: far-se-ha um monte pyramidal no qual se porão d'espaco a espaco pedras calcareas de mediocre tamanho assentes em camadas das plantas seccas, e deverá tudo ser disposto de fórma que possa o ar atravessar livremente por dentro deste monte assim armado, o qual cubrião de torrões; feito o que lhe porão fogo: o residuo da combustão será uma mistura de cal, cinzas, e carvão, que serve para preparar as terras fortes e faze-las mais soltas, que é o que se pertende. Espalhar-se-ha pelo campo: dê-se uma ou duas lavras para a revolver com o terreno. Quem tiver proporções de fazer a queima n'um forno de cal se arranjará mais commodamente.

Notarei por fim o quanto é preferivel este methodo ao de empregar as cinzas que serviram em barrélas, porque essas perderam o seu principio soluvel, o seu alcali; e no estado em que ficaram apenas contem alguns saes de cal e de magnesia; ao passo que a mistura que ensinámos faz a terra mais solta e por consequencia penetravel ao ar e encerra principios que dão á vegetação uma força, que por outro meio senão compensa.»

Outros proveitos das çarças.

Pelo que respeita ás silvas accrescentaremos mais alguma cousa. Todos sem duvida nos lembrámos do sabor agrodouce das amoras silvestres, e desse tempo feliz em que, a risco d'alguns rasgões na cutis e ainda mais no fato, nos divertiamos a colhê-las pelos vallados e azinhagas. Pois agora devemos saber que

estes fructos rusticos tem seu prestimo: faz-se com elles uma bebida agradavel que se prepara deste modo:—Tomai cinco partes de amoras bem maduras, uma de mel, e seis de vinho [o peso é a melhor medida], pondo tudo ao lume, escumai na fervura, e tirai do fogo; coai por um panno de linho ralo, e deixai fermentar: tornai depois a levar o liquido ao fogo, como da primeira vez, mettei-o frio em vasos appropriados e tereis bom licor d'amoras silvestres.

Alem disto, as raizes da çarça ou silva tem uso medicinal, por quanto, seccas á sombra, e cortadas em bocadinhos, se faz dellas uma leve infusão, que é especifica contra as tosses rebeldes e impertinentes.



O SALGUEIRO.

MUITAS especies e variedades ha de salgueiros: para se fazer idéa da extensão do genero *salix* basta dizer que um botanico lhe numerou nada menos de 116 especies. Porem as mais conhecidas são o salgueiro fragil, o vime ordinario, o salgueiro de Babylonia, ou chorão dos jardins, e o salgueiro branco, que é o representado na gravura, no estado a que ás vezes chega pelos muitos annos, carcomido, e tão oco que lhe não fica quasi senão a casca, porem mesmo assim lançando vergontas e ramos. Estas arvores gostam muito da frescura, e prosperam á beira d'agua, onde estendem os braços flexiveis e compridos, agradando sobremaneira á vista do contemplador da natureza: ninguem ignora o quanto são prestadias ao officio de cesteiro. Alem disso

plantam-se em chão infecundo e alagadiço, para o melhorar com as folhas que largam e as raízes que dilatam; passados tempos cortam-se os salgueiros e acha-se o terreno já provido de terra vegetal e fértil: teem a vantagem de crescer depressa, e dar abundancia de varas, apesar dos repetidos córtes: facilmente se reproduzem d'estaca. Na *Memoria descriptiva d'uma porção de territorio da comarca de Thomar* [tom. 8.º das da Acad.] lê-se o seguinte. — «Desde a foz do Zezere até o logar da praia, que dista um quarto de legua, ha um grande areal, que poderia admittir a plantação de salgueiros e que com o decurso do tempo poderia talvez tornar-se susceptivel de producção: os differentes proprietarios, cujas fazendas entestam com o Tejo, costumam isto praticar, não só para as defenderem dos estragos das fortes inundações, mas até com vistas de as adiantarem.»

De todo o genero, o mais vistoso é o salgueiro de Babylonia, ou chorão, que é de grande ornamento nos jardins e aformosea muito os lagos e outros depositos d'agua: é susceptivel de amplas dimensões: no jardim do real sitio do Alfeite ha o maior que nos lembra ter visto; com a basta ramagem, circularmente pendurada, fórma uma casa, fresca e amena, de abobada de verdura, que parece sustentada pelo tronco mui grosso e robusto, collocado no centro como uma columna; a bancada disposta em redondo offerece descanso a quem sob aquella sombra aprazível demanda refrigerio contra o ardor da calma.

O salgueiro chorão é originario do Levante: os livros santos o mencionam na suave lamentação das filhas d'Israel durante o captivo em Babylonia: *Super flumina Babylonis* &c.; e que o nosso Camões parafraseou nas redondilhas, que começam:

Sobolos os rios, que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
.....

IMAGINAÇÕES.

II

Eu ouvi os tyrannos da terra dizerem ás nações «curvai-vos e adorai o meu poder» e acompanhando este brado blasphemo, ouvi um arruido tremendo de grilhões, que se arrastavam e de algemas que se apertavam; ouvi as martelladas no alevantar do patibulo; ouvi o zumbido do cutello que assacalavam; ouvi enfim os gemidos das victimas e o ster-tor dos moribundos.

E vi os povos ajuntarem-se em redor do cadafal-so, e com hedionda alegria clamarem «Hossanna, Hossanna!»

E vi-os depois rastejando vilmente, arrastarem-se até aos pés do throno da tyrannia e confundirem a face no pó, e sem se atreverem nem sequer a erguer os olhos tão carregados de pavor, como trasbordando de pejo, murmurarem palavras infames. Vi-os e de os vêr asedou-se-me tanto a alma que eu clamei ao Eterno e disse: «Senhor, Senhor, Senhor, vendai-me os olhos para que não veja; tapai-me os ouvidos para que não ouça; interpondo entre mim e esta geração iniqua um veu espesso como os successos de um seculo; alevantai-me á vossa eternidade ou ponde-me tão baixo que por mais que erga as vistas não possa nem perceber as nações

envilecidas que ferem com as fronte os marmores dos palacios e os atrios dos tyrannos. Senhor, Senhor, Senhor, ouvi o vosso servo e soccorrei-o nesta hora de sua agonia.»

Vi mais um throno de ferro pesar nos seios dos homens livres, e a multidão batendo as palmas e rindo em torno. E eram almofadas do throno as cabeças tremendas dos que tinham ousado dar um testemunho de verdade. E eram concerto de harmonia os ais e as queixas dos martyres e gritos e gemidos extremos dos que morriam por sua fé e sua crença.

Vi mais os fortes do mundo virem e bradarem «Morte! Sangue! Vingança! Exterminio!» e arremetterem contra o throno e derrubarem-no e juncarem a terra com os despojos da tyrannia.

E vi a multidão que d'antes batêra as palmas e rira zombando e folgando com seu ferro chegar e assentar-se nos restos esmigalhados do solio soberbo, e pegar nos farrapos da purpura manchada de pó, de sangue e de immundicie e vestir-se com ella, e vociferar medonhamente e dizer «agora tudo isto é nosso; esse throno, essa purpura, esse sceptro, esses signaes do mando e do poder; a vara de ferro da tyrannia, os grilhões, as masmorras, o cadafal-so, e depois o punhal meneado nas trevas, e a intriga triturada em sombra caliginosa, tudo isto é nosso e de tudo isto poderemos usar como bem quizermos.»

E fe-lo assim.

E os quietos e os pacificos tiveram saudades do tempo que era ido.

E eu fui esconder-me em logar bem ermo e só aonde não ouvisse nem o vozear da multidão sem freio, nem as pragas e gritos de blasphemia, nem o arrastar hediondo do manto da embriaguez popular.

E considerei em mim mesmo e disse: quem assim accumulou a colera de Deus sobre estes povos miseraveis? Quem por este modo os lançou no mais fundo do precipicio? Quem!

Os seus tyrannos foram os seus crimes, a sua embriaguez era o trasbordar das iras do céu.

.....
Porque estarei eu contristado no meu retiro, e no espalhar os olhos pelo mundo porque sentirei doer-me no coração dôr estranha e desusada por modo que nem parece dôr da terra?

É que me acho estrangeiro aqui; é porque a minha alma vò a regiões mais altas e subidas, que ancêa por devassar com azas livres, que apenas lhe vislumbram e que mal acerta a entrever; é porque o meu corpo não pôde com o meu espirito.

Eu já estive face a face com a morte e puz olhos de esperanza no Redemptor dos homens e enchi-me de confiança e de fé e disse; «Que importa? Morrerei sem vêr o mundo, morrerei no verdor de meus annos tenros, mas reclinar-me-hei no seio do Senhor e adormecerei na crença dos justos; morrerei albeio á terra e talvez alguma lagrima saudosa seja ainda entornada sobre a pedra rasa que encubrir meus ossos.»

Melhor fôra ter morrido então.

Vi os homens, vi o mundo, vi a sociedade e sahi de entre elles mais só do que antes era. E sahi-me desconsolado e com uma vida sem côr. E vi claramente toda a extensão do meu abandono. E eu que tinha sêde de derramar o meu espirito e a minha alma n'algun seio benigno tive de os recolher em mim mesmo, de os calcar no peito que abrasava e de dizer ao espirito e alma: «basta.» Anheláreis pelo ar largo, pelo mundo grande, por um circulo immenso de luz e de gloria: basta. Tinheis sonhado eternidades: basta. Tinheis fantasiado cousas

nobres, grandes e santas: basta. Descei, descei que nem vos verão n'essa altura nem entenderão vossos ditos: descei, descei e desceram e tão baixo ficaram que o seculo lhe poz os pés em cima e os esmagou.

E eu sinto-me com a vida gasta e moço ainda nos annos vejo aberta a minha sepultura. Pouco me esperarás, amiga extrema. Este sonho da existencia, para mim pesadello tremendo, vou-o eu acabando e já olho proximo, bem proximo o seu termo.

Talvez que se uma larga circumferencia se me offerecesse em que pudesse respirar á vontade, talvez que os meus dias se estendessem. Mas os homens não o querem. Abafo n'este horisonte que me pesa na cabeça. Suffoco-me. Suffocará tambem meu ultimo dito a pedra, se m'a derem, de um sepulchro ignorado, e quem se lembrará depois se eu existi? Quem dirá se no meu seio se aninhava uma alma forte, e um ardente espirito.

E morto eu quem virá chorar sobre os meus restos ou desfolhar uma flôr na minha sepultura? Quem nas horas da soledade recordará o que no mundo viveu tão só?

O universo de Deus é grande, o firmamento é vasto, e a terra é larga, e com tudo nem na terra, nem no firmamento, nem no universo ficará uma memoria minha. Nada. O abandono e o esquecimento em toda a parte. Antes e depois da vida; revoando sobre a morte.

.....
E eu tenho já considerado na inconstancia das cousas da vida, e tenho assentado que a felicidade no tumultuar das cidades é cousa impossivel.

E por vezes me hei já assentado á sombra de uma faia na paz dos campos e no silencio do retiro, e alli imaginado e pensado longamente.

E tenho perguntado a mim mesmo: «Que querem os homens? qual o fim de suas fadigas? em que ponto poem a mira? porque trabalham de dia e velham de noite? para que serão tantos fios embaraçados, tantos labyrinthos d'interesses, tanta compenetração de existencias que se topam e se encontram e se enredam e se arruinam e se destroem mutuamente? que termo será destinado a esse immenso e confundido lidar?

E achei já uma palavra que explica o que por ventura parecêra inexplicavel:

Interesse!

Interesse proprio, interesse exclusivo, interesse egoista e sórdido!

E tenho querido já encerrar-me no sanctuario da natureza e fazer minha companhia unica dos salgueiros que choram na margem, dos cedros soberbos, do arroio que murmura vozes de obscuro sentido e falla misticamente aos ouvidos d'alma, das flôres que sorriem na amenidade do prado, das oliveiras da encosta, e de quanto tem uma palavra, uma interpretação, ou uma poesia na placida harmonia das solidões: mas a onda das sociedades arrastou-me de novo para o mundo: e ella por tão querida, tão desejada, tão intima, e por tão intima tão suave, essa paz que valêra talvez a conservar-me a vida, essa tenho-a eu apenas visto bruxulear distantemente como pharol benigno por entre os escarceus de este mar empolado e repleto das iras do Senhor.

.....
E quando me assento a contemplar as doçuras d'uma noite de estio, que passa sobre os homens, tranquilla e socegada, arrastando seu alvo manto de luar e lucida corda de estrellas, consulto o meu espirito e com elle converso por largos espaços.

Que é a vida n'este ermo, digo eu, que é a vida solitaria e ignorada? viver d'alma e coração e gosar

mais puramente que os outros gosam, dirão: Seja. O viver monta o correr assim inglorio e desconhecido e imprestavel por entre nossos irmãos, valerá elle porem a compensar a perda d'uma luz grande, d'um immenso clarão, d'um facho inextinguivel? valerá pelo bem que poderíamos prestar, pelo util que nos fôra possivel auxiliar?

Gloria, gloria! — verdadeiro sonho dourado — maximo esplendor do mundo — estrella polar da vida — guia, pharol, fito e termo d'um grande e nobre pensamento, se tu não existes realmente ahi, aonde existirás?

Tens sido estranha e diversamente interpretada, teem feito de ti ora um jogo ora uma vaidade, tens servido de falso enfeite a muitos, teem cifrado o teu valor n'um pouco de ouropel ridiculo, quando habitas na estreme puresa de ouro sem quilates, que não sofre valores comparativos á grandeza de tua valia, teem-te emfim tornado, ou antes a tua sombra, de nobre e grande que eras, em vulgar e prophanada: mas tu, erguida sobre tudo, tu, verdadeira, tu, superior, tu, sublime e santa, como és ainda na tua purissima arca de Deus, tu não morrerás ás mãos do vulgo, tu reinarás, tu surgirás um dia d'essas trevas pesadas em que te abismaram más intenções, mais brilhante, mais cheia de triumphos e resplendores do que nunca o foste.

Não o verei eu, não, que tanto tenho em ti posto o pensamento, não o verei... mas vê-lo-hão no dia em que eu nem já fôr lembrado.

Gloria, gloria!

Vives no bem, vives na consciencia, vives no sentimento.

E na grandeza do que é nobre,

E na nobreza do que é grande!

(Silva Leal — Junior.)

EMPREGO ECONOMICO DOS TREMOCEIROS.

Não ha economias, por diminutas que sejam, que o industrioso habitante dos campos deva desprezar: o objecto mais miudo deve occupar secundariamente algumas horas da sua especulação: porque nada desperdigando do que lhe póde augmentar os productos e diminuir as despezas, crescem-lhe os lucros, e reduzem-se os encargos.

Conhecem todos o tremoceiro, até pela bulha que fazem as vagens seccas sopradas pela aragem. É planta originaria do Levante, e de mui remotos tempos cultivada na Europa. Da-se em chão çafaro, cheio de pedrisco, fraco, ou areento. O sabor amargo do legume que produz perde-se escaudando-o muitas vezes com agua a ferver temperada de sal: ou demolhando-o por dias em agua corrente e escaudando-o menos vezes: assim procedem os que o vendem para divertimento da ociosa dentuça dos rapazes. Diz um escriptor francez que seus antepassados, no tempo em á França chamavam as Gallias, comiam tremoços com adubo de sal e vinagre. Não lhes invejámos a iguaria! Diz mais que n'algumas provincias do sul usam servir-se dos tremoceiros para adubar as terras: semeiam-nos no verão, depois d'uma lavra, nas terras destinadas a trigo ou centeio; e quando as plantas chegam a deitar flôr as cegam e mettendo o arado ou charrua ao terreno alli as revolvem, vindo a servir de excellente estrome vegetal. Isto mesmo, ha mais de quinze annos, vimos praticar não muito longe de Lisboa, com o fim de estrumar vinhas já um tanto cançadas; com a differença que deixavam murchar e em certo mo-

do apodrecer os tremoceiros e depois procediam á cava; e o resultado era bom.

Ha porem outra vantagem que os francezes descobriram nesta planta leguminosa: e vem a ser, que sendo semeada em terras estereis para recolher o fructo, podem-se aproveitar os talos ou hasteas deste vegetal, que produzem uma filaça parecida á do linho canhamo. Maceram-se alguns dias n'agua, ou eurttem-se, como se diz do linho; e depois de as seccar ao sol extrahe-se a filaça sem custo. Ora estas fibras são tão fortes, que com ellas se fabricaram cordas de grande resistencia, e mais rijas seriam se lhes misturassem feveras do canhamo. Devem para este fim arrancar a planta assim que lhe tiram as vagens.

Collecção de varios escriptos ineditos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão, &c., que dá á luz J. M. T. de C.: Porto 1841 — 1 vol. de 3.^o 335 pag.

CERTOS livros ha, que, tendo jus a muita extração e nome, ficam, por causas accidentaes, fóra do movimento litterario, e se manifestam só áquelles a quem a sorte quiz ser propicia. Em Portugal é isto frequente com as publicações que sahem fóra da capital. Coimbra, com ser a Athenas Lusitana, tem por vezes experimentado a dureza desta verdade. Ahí sahio ha pouco uma excellente tradução das *Mie Prigioni* de Silvio Pellico, obra que, a bem da moral e da tranquillidade publica, devêra andar nas mãos de todos; e com tudo ouvimos dizer que, por pouco conhecida, a extração não tem sido correspondente á que o seu merito demanda. — O Porto, com ser uma cidade maritima e muito commercial, e ter manifestado nos ultimos tempos a dedicação ás lettras que sempre caracterizou essa cidade, tambem talvez não se opporia a que algumas obras fossem victimas do sacrificio de seus auctores, se estes não tivessem a prevenção de primeiro segurar-se na louvavel condescendencia de muitos subscriptores. Felizmente elles não faltaram á obra que annunciámos, que contem noticias mui importantes, e diz respeito a um dos mais distinctos filhos d'America, que muito illustrou o reinado do senhor D. João 5.^o Aos que não foram subscriptores julgâmos conveniente este nosso aviso.

Precedem a estes escriptos de Alexandre de Gusmão breve noticia e juizo delles, e uma resumida biographia do auctor. Seguem-se muitas cartas, algumas das quaes corriam por ahí mal impressas ou mal copiadas em collecções manuscriptas. Vem depois varias reflexões sobre a lei dos quintos do ouro do Brasil, e outras a respeito do tratado de limites, e finalmente algumas poesias, e uma comedia imitada do francez.

Desejâmos que o editor proseguisse na empreza encetada, dando para o futuro a collecção completa de todas as obras de Alexandre de Gusmão, para o qual fim póde ser que fossem uteis as copias da bibliotheca do extincto convento de Jesus desta cidade, não esquecendo de se ouvir por escripto no Rio de Janeiro o illustre senador o Sr. Visconde de S. Leopoldo, que escreveu a biographia do A. bem como a de seu irmão Bartholomeu.

Os que desejarem ter mais noticia da obra valer-se-hão para isso do meio mais aconselhado pelos bons mestres: — é o da leitura. V.*

O SYSTEMA porque hoje se governa a maior parte

da Europa destina desde o berço e sem consideravel esforço alguns homens d'uma classe mais eminente e privilegiada para serem grandes no mundo, em quanto outros só por grandes merecimentos e á força de trabalhos conseguem chegar a este grau de elevação. Para os primeiros póde dizer-se que começa a interessar-nos a sua vida na epocha em que os empregos fazem conhecer e avaliar publicamente o seu merecimento; para os segundos porem que desde a mais tenra idade e a cada passo tem para vencer novos obstaculos, principia ella a ser interessante desde que a luz da razão os vem alumiar. — S. T. de Mendo Trigoso, *Elog. hist. do Conde da Barca.*

Modo de fazer o verniz de gomma copal em espirito de vinho, e o de gomma laque em agua.

O METHODO que o celebre chimico Berzelio adoptou é o seguinte: —

O copal reduzido a pó grosso e deitando-lhe alguma porção de ammoniaco caustico liquido, incha-se e converte-se em uma massa gelatinosa, que é solavel inteiramente no alcool ou espirito de vinho. Para fazer esta solução, que fórma um bellissimo verniz, deita-se por partes o ammoniaco liquido na gomma copal pulverisada, até chegar ao maior ponto de enchimento e se converter em uma massa clara e consistente. Aqueita-se esta massa até 35 gráus, e deita-se, partes iguaes, em espirito de vinho de 0,8, na temperatura quasi de 5, mexe-se de cada vez que se lhe deita a massa, e espera-se que esteja inteiramente diluida para se deitar nova porção. Obtem-se uma solução, que depois de ter depositado uma quantidade insignificante de materia insolavel não tem cor alguma e é clara como agua.

O verniz de gomma laque faz-se fazendo esta gomma com a solução alguma cousa concentrada de subcarbonato de potassa: produz-se uma mistura de gomma laque unida á parte caustica do alcali e de carbonato de potassa: pela lavagem obtem-se uma dissolução completa; decompõe-se pela dissolução de sal ammoniaco: forma-se um precipitado saturado de gomma laque que se deixa lavar com agua fria, mas que córa a agua logo que se lhe tem tirado todo o muriato de potassa. Evaporando esta solução até a secura fica uma massa pellucida, inteiramente semelhante á mesma gomma, e que deixa de ser solavel na agua. Applicando-se esta dissolução quente, cobre os objectos de um mui bello verniz, que a agua não altera e que se pule mui bem.

Betume inalteravel. — Este betume é usado mui vantajosamente para cubrir terrados, rebocar por dentro os tanques, unir as pedras, e embarçar em toda a parte a infiltração das aguas: é tão duro que risca o ferro.

Tijollo ou argilla bem cozida - - - 93 partes
Lithargyrio ou fezes de ouro - - - 7 "
Oleo de linhaça.

Pizam-se os tijollos e o lithargyrio; este deve reduzir-se sempre a pó mui fino; misturam-se e junta-se-lhes a quantidade de oleo de linhaça puro, que seja sufficiente para dar a esta mistura a consistencia do gesso amassado, depois applica-se do mesmo modo que o gesso; tendo porem antes molhado com uma esponja os logares que se querem betumar.